

6ª Reunião Internacional da RACS 2024

Submissão de Trabalhos

## RESUMO ESTRUTURADO

Categoria: Relato de Experiência

Eixos Transversais: Educação e Saúde

TÍTULO: “Mulheres Angolanas do Complexo da Maré/RJ – a experiência de uma roda de conversa sobre planejamento reprodutivo”

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento Reprodutivo; Migração.

AUTORES: Sabrina Sousa de Abreu Ohse (Enfermeira. Grupo de Pesquisa Maternidade: Saúde da Mulher e da Criança. Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Universidade Federal Fluminense.); Andréia Maria Thurler Fontoura (Psicóloga. Doutoranda em Ciência do Cuidado em Saúde/PACCS/UFF); Audrey Vidal Pereira (Enfermeiro. Professor Associado. Grupo de Pesquisa Maternidade: Saúde da Mulher e da Criança. Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Universidade Federal Fluminense.

**INTRODUÇÃO** - Este trabalho oportuniza reflexões sobre uma atividade coletiva realizada com mulheres angolanas e demais nacionalidades, residentes no Complexo de Favelas da Maré no Município do Rio de Janeiro-RJ. A roda de conversa apresenta-se como um dispositivo potente de acolhimento, troca de experiências e participação coletiva, sendo bastante utilizada em atividades de educação em saúde. Conforme aponta Wagner (2000) sobre o método da roda: “aposta na possibilidade de se instituir sistemas de co-gestão que produzam tanto compromisso e solidariedade com o interesse público, quanto capacidade reflexiva e autonomia dos agentes da produção”. Propor um espaço de acolhimento e troca de informação e experiências no campo da saúde, direitos e cidadania, visando contribuir para um melhor planejamento e empoderamento coletivo, foi importante para essas mulheres que vivenciam um contexto de vulnerabilidade por serem migrantes ou estarem em situação de refúgio, dentro de uma das maiores comunidades do Estado do Rio de Janeiro. **OBJETIVO** apresentar um relato descritivo

da experiência de uma ação integrante da UNAERJ (União de Angolanos no Estado no Rio de Janeiro), por meio de uma roda de conversa temática com mulheres migrantes ou em situação de refúgio, tendo a participação de profissionais engajadas no contexto de saúde, direito e empreendedorismo. **CONTEXTO E DESCRIÇÃO** - Atualmente, tem-se vivido quadros migratórios intensos registrados na história, onde muitas mulheres saem dos seus países em busca de melhores oportunidades ou proteção da própria vida. Adentram ao desconhecido, devido situações graves e violação de direitos humanos, emergência humanitária, buscando abrigo e apoio aqui no Brasil. Segundo ACNUR (Agência da ONU para refugiados), em março de 2024, foram registradas 731.097 pessoas em necessidade de proteção internacional no Brasil, sendo 8.584 de nacionalidade Angolana e tendo como número recorde a Venezuela com 574.593 (ACNUR). As mulheres, que contribuíram em 2013 com 26,6% dos reconhecimentos da condição de refúgio, em 2022 passaram a representar 44,0% (Obmigra, 2023). Mediante este cenário de vulnerabilidade, é muito comum que essas pessoas que estão em situação migratória, se aloquem nas regiões periféricas e mais pobres do país escolhido. No contexto deste relato, no Estado do Rio de Janeiro, observa-se mulheres angolanas com suas famílias residindo no Complexo da Maré, onde a UNAERJ se estabeleceu para apoio a essas famílias. A partir da experiência de mais de 12 anos como enfermeira da Atenção Primária na comunidade Vila do João no Complexo da Maré e membro do projeto de pesquisa Saúde de Mulheres Migrantes, Refugiadas e Apátridas, coordenado pelo professor Audrey Vidal Pereira da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa/UFF, fui convidada como palestrante pela UNAERJ para abordar o tema: saúde e métodos contraceptivos disponibilizados pelo SUS. O evento foi divulgado e organizado pela UNAERJ, proporcionando um espaço acolhedor para receber essas mulheres. Este evento foi também transmitido de forma *online* e o *link* divulgado para as comunidades em Luanda (Angola). Essa roda de conversa foi realizada de modo presencial com 25 pessoas e aproximadamente 77 pessoas via a *live*. O público presente nessa roda de conversa foi constituído por mulheres angolanas e não angolanas e homens residentes do Complexo de Favelas da Maré. Perfazia um total de 80% eram mulheres entre 20 a 49 anos, 10% do público mulheres acima de 50 anos e 10% consistiam de homens. Era maioria de mulheres potencialmente produtivas no mercado de trabalho, tendo como foco prioritário a busca de informações para melhores condições de vida / estabilidade financeira, tanto para elas quanto para as suas famílias. Na palestra, foram abordados os contraceptivos disponibilizados pelo SUS, tais como: preservativo feminino e masculino, contraceptivos

orais e injetáveis, DIU, laqueadura tubária e vasectomia, e como ter acesso a estes equipamentos. Além disso, foram enfatizadas as diretrizes do SUS, principalmente a gratuidade dos serviços e a equidade. Com o intuito de enriquecer mais a roda de conversa, foram levados equipamentos contraceptivos e aberto um espaço para fala e dúvidas, possibilitando a desconstrução de mitos e também de trocas sobre a sua cultura e formas de lidar com sua sexualidade e reprodução. **RESULTADOS** Dado um ambiente amistoso e seguro, mediante a tantas violações de direitos que essas mulheres migrantes ou refugiadas já sofreram, foi possível garantir um espaço para que elas pudessem se colocar, tirar suas dúvidas e ter acesso aos equipamentos disponíveis na sua unidade básica de saúde, próxima de sua casa, para se evitar uma gravidez indesejável. Isso causou admiração em muitas delas que pode associar com o efeito da informação no sentido de possibilitar a tomada de decisão dessa mulher sobre o seu corpo, qual método contraceptivo melhor para ela e como poder ter fácil acesso a esses recursos, diminuindo assim a gravidez indesejada, a gravidez precoce e o impacto disso sobre os seus sonhos e planos de vida. Todas as mulheres destacaram a importância das orientações dadas na roda de conversa e a necessidade e possibilidade de multiplicarem essas informações para outras mulheres, formando assim uma rede de sustentação coletiva e de produção de saúde e cidadania. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** Pode-se perceber e ratificar a importância de trabalhos coletivos como esse, junto às mulheres em situação migratória ou refúgio, no sentido de produzir um fortalecimento desses grupos frente a um cenário vivenciado de instabilidades social, financeira, psicológica e muitas vezes física. Sendo a informação um recurso necessário para que os próprios coletivos produzam formas de enfrentamento dos desafios vivenciados em busca de melhores condições de vida.